

Reflexões sobre o *status* da oralidade e das narrativas nas culturas populares nos processos de patrimonialização – A Folia de Reis (RJ)

Reflections on the status of orality and narratives in popular cultures in patrimonialization processes – The Folia de Reis (RJ)



Marluce Reis Magno

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil.
magnomarluce@gmail.com



Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil.
abreuregin@gmail.com

1

Resumo: Oralidade e narrativas marcam as múltiplas expressões da cultura popular. Walter Benjamin enunciou o declínio das narrativas, da “arte de narrar” e seu impacto de empobrecimento da experiência humana. Neste artigo articulamos dados empíricos e teóricos para analisar o *status* que vem sendo atribuído às narrativas nos processos de patrimonialização empreendidos na atualidade, refletindo sobre sua adequação e possíveis impactos na continuidade dos bens de natureza imaterial, a partir, principalmente, das considerações de Benjamin, e estudiosos desse autor. Dirigimos nossa atenção às expressões culturais categorizadas como Celebrações, e tomamos como caso de estudo a Folia de Reis.

Palavras-chave: Narrativas. Oralidade. Salvaguarda. Memória.

Abstract: Orality and narratives mark the multiple expressions of popular culture. Walter Benjamin enunciated the decline of

narratives, the "art of narration" and its impact of impoverishment of human experience. In this article we articulate empirical and theoretical data to analyze the status that has been attributed to the narratives in the processes of patrimonialization currently undertaken, reflecting on its adequacy and possible impacts on the continuity of intangible heritage, based on Benjamin's thoughts, and studies on them. We turn our attention to cultural expressions categorized as religious celebrations, and take as case study the *Folia de Reis*.

Key words: Narratives. Orality. Safeguard. Memory.

Recebido em 30 de abril de 2022.

Aceito em 11 de outubro de 2022.

Introdução

Na década de 1930 Walter Benjamin afirmava que a humanidade estava diante de uma “nova forma de miséria”: a pobreza de experiências. Tomando o contexto que lhe é contemporâneo (o período *Entre Guerras*, caracterizado pelo desejo de esquecimento de experiências traumáticas de guerra, e por novas descobertas tecnológicas) Benjamin denunciava o empobrecimento da comunicação oral, e apontava uma estreita conexão entre experiência e oralidade (BENJAMIN, 1994a[1933]).

Na interlocução com o pensamento de Benjamin – principalmente nas obras *Experiência e pobreza* e *O narrador* –, Regina Zilberman destaca a interdependência entre narrador e ouvinte para que esta experiência (de vida) e oralidade (narrativa) aconteça:

As pessoas contam o que experimentaram, o que se aloja em sua memória. [...]. O narrar, por sua vez, supõe a presença de ouvintes, e estes não são indivíduos isolados, mas o grupo: a narração só tem sentido se dirigida ao coletivo. Pela mesma razão, depende da oralidade: seus narradores [...] manifestam-se verbalmente para uma audiência visível e palpável, não para sujeitos distantes e seres anônimos. (ZILBERMAN, 2006, p.119)

Dotados de surpreendente resiliência, grupos detentores de antigos saberes e práticas resistem e/ou adaptam suas práticas aos novos modos de ser e de fazer, introduzidos com a industrialização, a urbanização crescente e outros atributos do chamado mundo moderno que se expandem com a globalização e o avanço tecnológico no Ocidente. Referimo-nos aos grupos das culturas populares, nos quais a oralidade se faz presente. Ela está no saber-fazer, na transmissão dos saberes às novas gerações,

na construção e no fortalecimento das relações sociais que os sustentam e, conseqüentemente, na construção e atualização de suas memórias e identidades.

Neste artigo enfocamos a riqueza de experiências, que produz e reproduz narrativas, presentes em certas expressões da cultura popular, e que, assim, resistem à “pobreza”, característica da modernidade enunciada por Benjamin. Trata-se da *Folia de Reis*, que é uma dentre as várias modalidades do Reisado, que colorem e sonorizam os municípios brasileiros durante o período natalino.

Presente em quase todos os noventa e dois municípios do Estado do Rio de Janeiro, e em outros estados da Região Sudeste, a *Folia de Reis* consiste na representação da peregrinação dos Magos em busca do Menino Jesus, para celebrar o seu nascimento. A Folia de Reis constituiu-se em objeto de pesquisa para a Dissertação de Mestrado (MAGNO, 2016) e para a Tese para Doutorado em andamento. Caminhando de casa em casa, da noite do dia 24 de Dezembro ao dia 6 de Janeiro, animados por promessas aos *Santos Reis*, contraídas pelos *foliões* e/ou pelos devotos visitados, ora emocionam com seus cânticos (*foliões*), ora alegram com a irreverência de seus versos (*palhaços*). Os grupos caminham ostentando com reverência o objeto central da manifestação – a *bandeira* – um estandarte com a imagem da Sagrada Família e dos três Reis Magos.

O movimento de *Folia de Reis* da cidade de Valença-RJ foi o *locus* principal da pesquisa empírica realizada. Valença está situada no *Vale do Café* fluminense, detendo, como legado do ciclo econômico cafeeiro (séculos XVIII e XIX), edificações e monumentos, bem como uma rica herança cultural imaterial. Em contato com integrantes dos grupos de *Folia* observamos situações envolvendo produção e recepção de narrativas, nas quais é possível reconhecer o fundamento do pensamento benjaminiano que Zilberman resume

como um “tripé experiência-memória-oralidade” (ZILBERMAN, 2006, p.122.). Nossa intenção consiste em refletir sobre o *status* atribuído a tais narrativas nos processos de patrimonialização.¹

A metodologia adotada na pesquisa para a sistematização de depoimentos e observações partiu de uma abordagem etnográfica, onde procuramos construir uma relação amigável e de confiança mútua com nossos interlocutores, garantindo um ambiente descontraído, de forma que fosse possível, como sugere Geertz, “conversar com eles” (GEERTZ, 2008[1926], p.17). Procuramos ainda observar o comportamento dos sujeitos observados, a partir da suposição de que “é através do fluxo do comportamento – mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação” (GEERTZ, 2008[1926], p.12).

Trabalhamos com diferentes narrativas, em prosas e versos, registradas ao longo de trabalho de campo. Ou seja, não apenas as narrativas registradas diretamente, caracterizadas pelos relatos autobiográficos de *foliões*, situações inusitadas ou relevantes que quiseram contar, mas também as narrativas que se expressam e configuram a própria peregrinação dos grupos. Nessa categoria destacamos os versos que compõem o ponto central da visita – o canto das *profecias* – e os versos proferidos pelos *palhaços*, durante a execução de suas *performances*. Por intermédio dos primeiros é narrado e saudado o nascimento do Menino Jesus e a saga dos três Reis, que pode ser dividido em etapas: anunciação, nascimento, viagem dos três Reis Magos, adoração e regresso dos Magos. A segunda categoria de versos, verbalizados pelos *palhaços*, tratam de temas variados, em geral irreverentes: brincam com os donos da casa, ironizam o cotidiano, galanteiam jovens na assistência, contam episódios engraçados, exaltam ou ridicularizam a si próprios...

1 - Durante a pesquisa para o Mestrado (2014-2016) foram observados também grupos de outros municípios da Região, tais como Vasouras, Paty do Alferes, Rio das Flores e outros. (MAGNO, 2016)

Além da já mencionada contribuição de Clifford Geertz na construção da metodologia da pesquisa etnográfica, dialogamos com trabalhos e reflexões de Maurice Halbwachs, Paul Ricoeur e Michel Pollak no que tange ao campo de estudos da memória social. Para o campo específico do Patrimônio Imaterial no caso brasileiro, dialogamos com autores/as como Marcia Sant'Anna e Cecília Londres que sistematizaram as ações deste campo no Programa de Patrimônio Imaterial lançado pelo IPHAN em 2000, e que configura uma política pública de grande sucesso nacional e internacionalmente. Utilizamos principalmente seus trabalhos *A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização (SANT'ANNA)* e *Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural (FONSECA)*, ambos integrando o livro *Memória e Patrimônio - Ensaio Contemporâneo* (ABREU; CHAGAS, 2009).

Paralelamente, enquanto descrevemos/transcrevemos trechos narrativos sistematizados a partir da pesquisa de campo, buscamos apontar sua relevância na construção e atualização da Memória Social desses grupos.

Os narradores na Folia de Reis: experiência e narrativas

É possível fazer analogias entre os “narradores” de Benjamin e o grupo de *foliões* e *palhaços*, na expressão de sua devoção aos *Santos Reis*. Quando eles caminham pelas ruas em peregrinação, estão em plena “experiência”, interagindo e conduzindo devotos e simpatizantes a novas experiências também. Durante a *jornada*, suas “narrativas” se materializam, principalmente, no canto das *profecias*, e nos versos dos *palhaços*.

A apresentação oral presume a memorização dos episódios e dos versos que os exprimem. O narrador aparece [...] na condição de guardião da memória, tarefa que exerce enquanto poeta e que aparece como superior à autoria. (ZILBERMAN, 2006, p.126)

Observar uma *Folia* em *jornada* é testemunhar parte significativa do processo de transmissão de saberes: a postura, os cantos, as orientações, as decisões que os mais experientes executam estão ali sendo apreendidas e assimiladas pelos mais jovens, ao longo de todo o ritual, de toda a *performance*, em meio a uma atmosfera de respeito e afeto. Os grupos de *Folia* são constituídos dentro de um esquema de rígida hierarquia. A ascensão dentro do grupo é gradual, mas imprevistos acontecem... Um *folião* entrevistado por Cáscia Frade durante sua pesquisa para o Doutorado confidenciou que, quando atuava como *mestrepalhaço*, foi convocado intempestivamente para substituir o *contramestre* que havia adoecido. Tal fato só foi possível porque, contou ele, durante os quarenta anos que atuou como *palhaço*, ficava atento ao canto das *profecias* pelo *mestre*, chegando a memorizar todos os versos², cantados ao longo da *jornada* (FRADE, 1997, p.182).

A cada relato de um *mestre* sobre o seu processo de aprendizado, reconhecemos “a natureza da verdadeira narrativa”, como caracterizou Benjamin onde sempre está presente uma dimensão utilitária. Nela é comum um “ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994b[1936], p.200), ou compartilhar conselhos que recebeu.

2 - Não é possível definir quantitativamente o número de estrofes ou versos entoados pelo mestre e contramestre durante a jornada. Para dar uma ideia da extensão, observamos que grupos se demoravam de 30 a 40 minutos entoando a história do nascimento de Jesus, diante de um presépio, quando em visita a devotos. Esses versos podem variar de casa para casa visitada, e ainda em função do dia da jornada.

[...] aos 12 anos de idade, eu conheci um folião antigo, [...] ele era do estado de Minas... E eu falei com ele que tinha vontade de aprender a cantar reis. Ele falou comigo que era pra eu ir na casa dele que ele ia me passar uma “cópia” [com versos que cabem ao mestre cantar]. Então eu aí aprendi [...] que em primeiro lugar a gente tinha que ter respeito, que a gente tinha que fazer parte de uma religião, que o fundamento religioso da folia de reis é o maior fundamento religioso que tem nas escrituras sagradas. Então a gente não podia levar aquilo de brincadeira, que eu precisava aprender a cantar para fazer bonito na frente dos presépios [...]. E a minha vontade de aprender era tanta que com 21 dias eu consegui aprender todas as passagens. E ele falou “só vou falar que você é um folião quando você estiver preparado”. E aí [...] eu cheguei na casa dele e falei com ele assim: “os papéis tão aqui e eu vou falar”. E aí ele falou: “não pode repetir um verso, que se você for cantar na casa de um folião, se você repetir um verso, ele manda você parar”. Aí deu aquele calafrio, aquele frio na barriga e eu falei a passagem desde quando ele começou até a hora que ele parou. Ele falou: “agora vou te dar uma viola e você vai montar sua folia e cantar reis.” (Mestre Chico, 2014, 49 anos)

8

Fora do período da *jornada*, estão corriqueiramente narrando, para familiares e amigos, os acontecimentos da última *jornada*, cujo sucesso celebram reunindo amigos em uma festividade que chamam *Baile de Reis* (conhecida em outras localidades como *Festa do Arremate*). Outros encontros acontecem ao longo do ano, pois é comum um grupo reunir-se com outro, ou visitar a casa de um devoto para um encontro de confraternização. As lembranças dos acontecimentos, dentro e no entorno temporal das *jornadas* vividas ao longo dos anos, dão tônica às conversas, dentre outros temas. Um jovem *mestre* do município de Vassouras (RJ) relata algumas dessas experiências:

Inclusive a gente também sai, pra fora da época da folia, pra visitar esses nossos amigos. [...] Mês passado [agosto] nós fomos num lugar chamado Saudade, perto de Avelar [no município de Paty do Alferes], nós fomos pra lá. Foi uma van com uma galera da nossa folia. Nós fizemos um churrasco, só pra gente não perder o contato. Nós fizemos churrasco, cantamos folia, cantamos forró, sertanejo, moda de viola. Dia 21 agora, domingo que vem, nós vamos pra Valença, lá no Carambitto, pra fazer isso, na casa de um amigo nosso, chamado Itamar. A gente sempre se reúne pra cantar folia. [...] Leva violão, viola, bandolim... [não vão paramentados] Só pra cantar, pra conversar, fazer churrasquinho [...] (Mestre Tiago, 2014, 27 anos)

9

É interessante observar que a rede de relações no movimento de *Folia de Reis* se estende para além dos locais de moradia e trabalho dos membros de cada grupo. Experiências vividas em diferentes territórios, ainda que na mesma região (Vale do Paraíba fluminense), são, em momentos como o descrito pelo Mestre Tiago, narradas, compartilhadas... Podemos, então, lembrar das duas categorias de narradores que Benjamin distingue, recorrendo aos “tipos arcaicos”. Benjamin classifica em dois grupos aqueles “narradores anônimos”: o viajante, que narra experiências contemporâneas, vividas em terras distantes de seus ouvintes, e o trabalhador que nunca deixou sua terra natal, da qual conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 1994b[1936], p.198-199). Os “representantes arcaicos” desses dois tipos seriam o marinheiro comerciante, e o camponês sedentário.

Em episódios como o que foi relatado pelo Mestre Tiago, podemos vislumbrar o encontro das duas categorias de “narradores anônimos” apontadas por Benjamin: Reconhecemos a figura do

“marinheiro viajante” nos *foliões* que vêm de outras terras (ainda que não tão longe), trazendo experiências contemporâneas; nos *foliões* mais antigos, interagindo com os mais jovens e transmitindo suas experiências, identificamos a do “camponês sedentário”. Benjamim registra que esses encontros são fundamentais na perpetuação das narrativas. Nos tempos arcaicos, eram facilitados pelos sistemas corporativos medievais: os encontros aconteciam nas oficinas onde trabalhavam, juntos, o *mestre* sedentário e os aprendizes migrantes. Na atualidade da *Folia de Reis*, esses encontros se dão, principalmente, nas visitas extemporâneas e nos *Bailes de Reis* (cujo *script* inclui convite a um ou mais grupos). A relevância desses encontros, segundo Benjamim, está em viabilizar a integração entre as duas categorias de narradores, que justifica avaliando que “a extensão do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levamos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos” (BENJAMIN, 1994b[1936], p.199).

Halbwachs também fala da importância dos “encontros” na construção e atualização da memória coletiva. Um dos exemplos a que recorre é o da família que viveu muito tempo na mesma cidade, próxima aos mesmos amigos. As lembranças emergem no âmbito desses dois “quadros de pensamentos” compartilhados pelos membros dos dois grupos. Se alguns membros da família se afastarem, terão mais dificuldades em lembrarem-se daquilo “que eles não guardavam senão porque estavam submersos ao mesmo tempo em duas correntes de pensamentos coletivos convergentes”. Poderão contar com o auxílio de um ou outro membro da família na tentativa de que as lembranças reapareçam e sejam reconhecidas, mas será apenas um grupo (a família) se esforçando para lembrar de algo que concerne aos dois grupos (família e amigos). Colocando-se como um dos membros dessa

família, Halbwachs conclui que “é preciso que nos encontremos ou que estejamos em condições que permitam a essas duas influências combinar melhor sua ação, para que a lembrança reapareça e seja reconhecida” (HALBWACHS, 1990[1925], p.46).

Podemos pensar a “família” como um determinado grupo de *Folia*, e os “amigos” como os outros grupos de *Folia* com o qual se relaciona, e entenderemos a relevância de encontros, tais como o *Baile de Reis*, e as visitas de confraternização a outros grupos fora do tempo da *jornada*, na construção e atualização da memória coletiva nos grupos de *foliões*.

Narrativas poéticas na Folia de Reis

Para Benjamin, a narrativa se perpetuou por “milênios” porque o ato de narrar se dava, prioritariamente, ao mesmo tempo em que a execução de um trabalho manual: “Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.” Para o autor, o ritmo da atividade no qual está envolvido o ouvinte, faz com que se esqueça de si mesmo. Assim, vai escutando as histórias, absorvendo-as espontaneamente, e logo adquirindo o dom de narrá-las. “Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (BENJAMIN, 1994b[1936], p.205). Assim acontece com as narrativas que configuram a própria manifestação: os versos das *profecias*, entoados em melodias pelos *foliões*, e os versos declamados pelos *palhaços*.

As *profecias* são entoadas seguindo ritual que se repete a cada casa visitada. O grupo de instrumentistas (acordeom ou sanfona, violão, viola, cavaquinho, triângulo, reco-reco, chocalho ou afoxé, e o surdo ou bumbo que no contexto da *Folia* é chamado de *caixa*), liderado pelo *mestre* e *contramestre*, executa sua performance

com movimentos e gestos, igualmente repetitivos, que seguem uma cadência própria, tal como os tecelões do passado longínquo seguiam a cadência no fiar e no tecer.

Na “trama” tecida pela *Folia*, alguns objetos tem mais do que valor utilitário. É o caso, por exemplo, do triângulo que ganha um significado especial, pois o seu toque é identificado com os sinos de Belém, anunciando o nascimento do Menino Jesus. Seus executores, em geral crianças, desempenham importante papel no ritual do grupo. Eles são responsáveis por um grito melódico, agudo e prolongado, que representa o canto do galo que sucede ao toque dos sinos de Belém (o triângulo).

Versos e movimentos se conjugam. Aqueles que ocupam o “lugar de honra” são os que cantam os versos das *profecias* diante do presépio, versando sobre o nascimento de Jesus, e a epopeia dos três Reis Magos. Eis alguns trechos de uma passagem das *profecias* apresentada pelo Mestre Chico em um documentário³:

3 - Folia de Reis de Valença: produção aprovada na Chamada Pública 026/2010 de Registro de Tradições Oraís da Secretaria Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=h2Fib7OjrVU. Acesso em: 20 jul. 2017.

Vivia no Oriente
Três homens de estimação
Todos três muito estimados
De Deus Pai tinha benção.

Governavam suas terras
com justiça e retidão,
Todos três muito estimados
De Deus Pai tinha benção.

Os três reis tiveram um sonho,
Foi um sonho de prazer,
Em sonho foram avisados
Que Jesus ia nascer.
[...]

Foi passado muito tempo,
Foi um anjo em Nazaré,
Aonde Maria Virgem
Estava com São José.

Achando a senhora só
E sem ninguém mais ali visse,
Cheio de esplendor celeste
Das partes que Deus lhe disse:

‘Concebei em seu ventre o
Filho que Deus prometeu
Ele será o Rei do Mundo,
A alegria dos hebreu’
[...]

Sabendo Maria Virgem,
Sabendo ela muito bem,
Que o seu santíssimo parto
Haveria de ser em Belém.
[...]

Viajaram pelo mundo,
São José e a Virgem Maria,
Bateram de porta em porta
Mas ninguém lhes recebia.
Eles foram renegados
Em toda porta que batia.
[...]

Saíram pela campina
Onde um ranchinho encontraram.
E por não achar mais lugar
Ali mesmo repousaram
[...]

Foi chegando meia-noite,
Os astros foram mudando.
Veio um vento muito forte
Que ali passou soprando.

‘Nosso filho vai nascer’,
Ela disse a São José
E ele então lhe respondeu:
‘Seja como Deus quiser!’

Logo no mesmo instante
Foi a luz da melhor luz
Foi assim o nascimento
Do Menino Jesus

Temporalidade, argumenta Maria Eugenia Contursi, é um aspecto distintivo na narrativa, definindo-a como discurso construído sobre uma linha temporal. Aponta serem comuns divergências teóricas ao categorizar um texto como narrativo, e escolhe, como ponto de partida para suas análises a definição de Mieke Bal:

Um *texto narrativo* será aquele em que um agente relate uma história. Uma *história* é uma fábula apresentada de certa maneira. Uma *fábula* é uma série de acontecimentos lógica e cronologicamente relacionados que uns atores causam ou experimentam. Um *acontecimento* é a transição de um estado a outro. Os atores são agentes que levam a cabo ações. Não são necessariamente humanos. Atuar se define aqui como causar ou experimentar um acontecimento (BAL apud CONTURSI; FERRO, 2000, p.11-12, grifo do autor).

14

No trecho que recortamos das *profecias*, vemos o encadeamento lógico e cronológico de acontecimentos, com atores que experienciam, interagem e transformam o seu entorno. Enquanto a Virgem Maria, São José, o anjo, atuam na fábula cantada pelos *foliões*, esses, simultaneamente, atuam na casa do devoto, “salvando” o presépio com os versos. O momento de maior reverência ocorre quando é cantada a passagem em que os Magos fazem a adoração ao Menino Jesus (não incluí no recorte acima). É o momento em que integrantes do grupo, representando os Reis Magos, se ajoelham. Em alguns grupos, a representação é feita pelo *mestre* e seus instrumentistas. Em outros grupos, três *palhaços*, sem máscaras, se ajoelham e, assim, se movimentam até o presépio onde depositam três moedas representando as ofertas dos Magos ao Menino Jesus: ouro, mirra e incenso.

Além do canto das *profecias*, cabe ao *mestre* e ao *contramestre*,

cantar versos que dialogam diretamente com os devotos, anunciando os movimentos do grupo, tais como a chegada, a saída e outros. Quando a *visita* é feita entre a madrugada e o amanhecer há um movimento ritualístico adicional conhecido como *canto da alvorada*, que demanda conhecimento por parte do devoto visitado que, de acordo com o Mestre Torrada, só os “antigos” são sabedores. Ele explicou que no *canto da alvorada*, o grupo chega à casa do devoto com os moradores (supostamente) adormecidos, e a casa fechada. Sendo assim, não é esperado que haja qualquer contato informal (cumprimentos, abraços, etc.) antes que o ritual se complete (mesmo se estiverem despertos), com o devoto reagindo de acordo com a mensagem dos versos entoados. Ele exemplificou apresentando os versos que canta com o seu grupo, conjugando-os com os movimentos reativos esperados do morador.

15

Ao chegar, o *folião* canta, do lado de fora do portão:

Devoto, meu devoto,
ouve bem, presta atenção
O três reis do Oriente
que chegou no seu portão

O cantar da meia-noite
é um cantar muito silente,
acorda quem tá dormindo,
alegra quem tá doente

O devoto acende a luz e o *folião* continua:

Oh, devoto, por favor,
ouve bem, preste atenção,

vem receber Santo Reis
que está em seu portão

O devoto, então, abre o portão, e o *folião* pede licença:

Já abriu o seu portão,
pra mim dá três passos à frente,
peço licença primeiro...
Já entrei no seu portão,
já estou no seu terreiro.

O devoto abre a porta da casa e o *folião*, novamente, pede licença:

Pra entrar em vossa morada,
peço licença primeiro...
Deus lhe salva a casa santa
onde Deus fez a morada,
onde mora o Calix Bento
e a Hóstia Consagrada

Já dentro da casa do devoto, o *folião* encerra o ritual de entrada:

Oh, devoto, meu devoto,
de Jesus, José e Maria,
nós cantamos alegremente,
com prazer e alegria!

Os *palhaços* são os protagonistas do momento final de uma *visita*, etapa esta muito aguardada pela assistência, usualmente

referida como a hora da “brincadeira dos *palhaços*”. Nesse momento, comandados pelo *mestre-palhaço*, eles se alternam dançando o “chula” e versejando. Os versos a seguir foram capturados observando o grupo de *Folia* do Mestre Calixto, ao encerrar sua *jornada* 2014/2015, verbalizados por um jovem *palhaço* (17 anos), de codinome *Travessura*, que assegurou ser ele próprio o autor:

Há muitos e muitos ano
As histórias são contada
Que os três reis do Oriente
Pelo caminho viajava

A procura de um menino
Que os traço rastriciava
Pois essa é nossa missão
Como término de jornada

Pois nós somos a semelhança
Do perseguidor do Messias
Somos soldados de Herodes,
Pertencente à tirania

Minha máscara representa
A traição do passado
Quando Judas vendeu Cristo
Para ser crucificado

Por isso eu ando na rua
Trazendo o rosto tapado
Representando a vergonha
Do nosso antepassado

Minha farda representa
O folclore brasileiro
Pessoa que num conhece
Diz que é roupa de feiticeiro
Diz que é roupa de Exu
Da casa de marombeiro

O emborná que carregamos
Também tem seu fundament o
Carregou trinta moeda
Com todo merecimento
Pois na traição de Judas
O emborná carrega a culpa
Do valor do pagamento
É obrigação carregá

O cacete e a batucada
Representa os armamento
Que o soldado carregava
Pois tudo que nós trazemos
Tem o seu significado
É a máscara, é o capacete
É a farda e é o calçado
É o cassino e o cacete,
E o nome apelidado
Que eu gosto de saber de tudo
Pra nunca ser enganado

Os versos foram ditos numa roda, para algo como duas dezenas de ouvintes, na modesta agrovila de Pedro Carlos (no Distrito de Conservatória, no município de Valença). Poderia haver mais pessoas, se não fosse aquela uma noite chuvosa, e o horário tardio (quase meia-noite). Todos ouviam em silêncio. Ao encantamento no rosto de alguns, seguiram-se calorosos aplausos de todos. A narrativa do *Travessura* traz “vestígios” de sua experiência, e dos seus pares. Esta se entrelaça à história dos personagens envolvidos na perseguição “do Messias”. Nela reconhecemos a narrativa como “uma forma artesanal de comunicação. [...] Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dela. E assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994b[1936], p.205). Meses depois reencontramos *Travessura*. Falando sobre os versos acima, ele comentou que outros colegas *palhaços* estavam aprendendo e incorporando ao seu repertório. Será mais uma entre tantas outras narrativas a espriar-se pela vasta comunidade de *foliões* e *palhaços* da região, sem preocupação em conferir autoria. Esses versos, como tantos outros, poderão ser repetidos, de geração à geração, até o momento que ninguém mais saberá apontar sua origem, como é o caso das duas narrativas poéticas anteriores (o trecho das *profecias*, e o *canto da alvorada*).

A habilidade de memorizar versos é tão valorizada no seio do movimento da *Folia de Reis* quanto a de criar. O que nos remete a algumas das reflexões empreendidas por Paul Ricouer, como quando, por exemplo, dialoga com Bergson pensando a memória-hábito na qual a lembrança se materializa ao se “efetuar saberes aprendidos, arrumados num espaço mental”. Essa, entretanto, consistiria de uma “memória que é exercitada, cultivada, educada, esculpida”, resultando em “verdadeiras proezas que agraciam a memória fabulosa de verdadeiros atletas da memorização”.

(RICOEUR, 2007, p.77). A reflexão é sobre a *ars memoriae*, no contexto da Grécia Antiga, mas pode ser reconhecida com precisão ao contexto da *Folia de Reis*.

Em diferentes momentos de *O Narrador*, Benjamin aponta a força da narrativa em se perpetuar, como no caso dos contos de fadas, o que não impede o seu declínio. O advento da “informação”, argumenta, forma de comunicação dominante na imprensa que, por sua vez, instrumentaliza e fortalece o capitalismo, vai ser “decisivamente responsável por este declínio [da narrativa]”. Destaca que são duas formas de comunicação que se distinguem porque, enquanto a informação “só tem valor no momento em que é nova”, a narrativa “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”. É o que encontramos no seio das culturas populares como a *Folia de Reis*: narrativas poéticas que emergem, que se perpetuam e se atualizam, alimentando e sendo alimentadas pela religiosidade e pela criatividade de seus *foliões* e *palhaços*. Ou deveríamos dizer de seus “narradores”?

Inventário, patrimônio e salvaguarda incorporam as narrativas em si mesmas e como meio de acesso a informações, mas e o processo que as constroem?

Avalorização das culturas populares têm orientado as políticas culturais desde o seu reconhecimento como parte do patrimônio cultural brasileiro, na Constituição de 1988 (Art.215 e 216). Em *A face imaterial do Patrimônio Cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização* (2009), Márcia Sant’Anna, sintetiza a trajetória histórica da concepção de patrimônio no Ocidente e aponta a *Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Unesco* (1972) como primeiro marco internacional em direção à proteção das manifestações populares, seguido da *Recomendação sobre Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular* (1989). No Brasil, após referência à Constituição de 1988, Sant’Anna analisa

o Decreto 3.551/2000, destacando sua função de reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial que, pelo caráter dinâmico, torna-se mais importante o “registro e documentação do que intervenção, restauração e conservação” (SANT’ANNA, 2003, p.55).

É parte do processo de Inventário que visa a patrimonialização, identificar as ameaças à sustentabilidade do bem cultural e propor ações para sua salvaguarda, como apontado no Portal do IPHAN:

Salvaguardar um bem cultural de natureza imaterial é apoiar sua continuidade de modo sustentável, atuar para melhoria das condições sociais e materiais de transmissão e reprodução que possibilitam sua existência. O conhecimento gerado durante os processos de inventário e registro é o que permite identificar de modo bastante preciso as formas mais adequadas de salvaguarda.⁴

A função de patrimônio e as políticas públicas é um dos temas abordados por Maria Cecília Londres Fonseca, em *Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural* onde aponta a necessidade de “que a ação de ‘proteger’ seja precedida pelas ações de ‘identificar’ e ‘documentar’ (FONSECA, 2009, p.67). Nos processos de patrimonialização utiliza-se o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) que “é um instrumento de pesquisa que busca dar conta dos processos de produção desses bens, dos valores neles investidos, de sua transmissão e reprodução” (SANT’ANNA, 2009, p.56). Sua aplicação é tarefa normalmente desenvolvida por antropólogos, na qual técnicas etnográficas são aplicadas, incluindo observações e entrevistas. Através das narrativas dos detentores, os técnicos ganham acesso aos processos de produção do bem,

4 - Portal do IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/684/>. Acesso em: 14 abr. 2017.

aos significados e valores envolvidos e identificam os mecanismos de transmissão de saberes.

Estariam as narrativas presentes nas expressões da cultura popular, nas quais oralidade e narrativa integram o cotidiano de seus detentores, sendo pensadas apenas como um meio de acesso aos saberes, ou estariam elas, em si mesmas, sendo consideradas como um dos “aspectos básicos dos processos de [sua] configuração”? Durante a etapa do INRC de “identificação e documentação” mapeiam-se os elementos considerados básicos na sua configuração, entendidos como “seus executantes, seus mestres, seus aprendizes e seu público, assim como suas condições materiais de produção” (SANT’ANNA, 2009, p.57). Não seriam as narrativas e, conseqüentemente, a sensibilidade e habilidade em construí-las, uma condição *imaterial* para sua produção?

O acesso ao INRC é restrito. O IPHAN disponibiliza livremente apenas as primeiras trinta e sete páginas do Manual⁵. O acesso pleno e seu uso estão regulamentados por normas de licenciamento⁶, que os condicionam à assinatura de *Termo de Responsabilidade*. A partir da metodologia do INRC, entretanto, o IPHAN produziu outros manuais com permissão para uso mais amplo, como *Educação Patrimonial: Manual de Aplicação* (2013), destinado ao programa *Mais Educação*, do MEC, e, mais recentemente, o *Educação Patrimonial: Inventários Participativos* (2016), dirigido ao público em geral. Pudemos, então, acessá-los para análise. Ambos trazem orientações para realização de inventários, incluindo *Fichas do Inventário*. Essas, por sua vez, se têm diferenças entre as duas publicações, são mínimas. Para entender sobre como as narrativas presentes no universo da manifestação são consideradas, optamos por trabalhar com a publicação mais recente. Como nossas reflexões se dão sobre a *Folia de Reis*, acionamos, dentre as

5 - Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf. Acesso em: 27 jul. 2017.

6 - Instrução Normativa 01/2009.

Fichas das Categorias, a de Celebrações, para analisar. Esta contém questões visando a identificar:

Nome / O que é / Onde é / Períodos importantes / História / Significados / Descrição / Programação / Pessoas envolvidas / Comidas e Bebidas / Roupas e acessórios / Expressões corporais (danças e encenações) / Expressões orais (músicas, orações e outras formas de expressões orais) / Objetos importantes (instrumentos musicais, objetos rituais, elementos cênicos, decoração do espaço e outros) / Estruturas e recursos necessários / Outras referências culturais relacionadas. (IPHAN, 2016, p.50-57)

As informações são coletadas por observações e entrevistas, tecnicamente orientadas. A partir das narrativas dos detentores, o pesquisador tem acesso aos elementos considerados relevantes para mapeamento e, assim, configurar a manifestação. No tópico “expressões orais (músicas, orações e outras formas de expressões orais)”, onde possivelmente se encaixariam as narrativas poéticas da *Folia de Reis*, como as que exemplificamos, a orientação é para que, “se existirem, digam em que parte da celebração elas são realizadas e quais são as pessoas responsáveis por fazê-las” (IPHAN, 2016, p.55). Vemos, então, que as condições e o processo de produção dessas “músicas, orações e outras formas de expressões orais”, que estamos chamando de narrativas poéticas, não são abordadas na questão. Se não são abordadas, também não serão analisadas, nem avaliadas quanto a sua fragilidade e exposição a ameaças de continuidade. É certo que se trata apenas de um questionário visando à descrição da manifestação, e está, provavelmente, simplificado em relação à metodologia que o orientou (o INRC). Entretanto, podemos assumir que a essência

é a mesma. Por caminhos complexos ou simplificados, busca-se conhecer a manifestação, seu valor como referência cultural, e as ameaças à sua continuidade, como demonstra o tópico “avaliação” na ficha analisada:

Indiquem os principais pontos positivos para que a celebração continue como uma referência cultural e os pontos que podem determinar o seu desaparecimento. Façam um exercício de reflexão em grupo a respeito das informações levantadas nos campos anteriores: as pessoas dão importância à celebração? Elas se organizam para esse fim? Como? Ou a celebração está perdendo o significado que justifica a sua preservação? (IPHAN, 2016, p.57)

23

Tendo alcançado relativa familiarização com as instruções que dinamizam o Inventário na categoria de *Celebrações*, é possível avaliar se as condições e o processo criativo que conduzem à emergência, produção e atualização das narrativas poéticas que integram a manifestação, estão contempladas nas investigações do pesquisador? Entendemos que ainda não. É preciso, antes, analisar a conclusão de algum Inventário da categoria. Por isso, acionei os arquivos do portal do IPHAN⁷ e escolhi uma *Celebração* já inventariada e patrimonializada: *A Folia do Divino Espírito Santo de Paraty*. O portal disponibiliza outros nove Inventários. Escolhi a *Folia do Divino*, por estar situada no Estado do Rio de Janeiro, que também é a unidade da federação onde realizamos as pesquisas sobre *Folia de Reis*.

A leitura do dossiê nos permitiu verificar que essa manifestação também incorpora longas narrativas poéticas em sua expressão. Trechos dessas narrativas foram inseridos ao

7 - Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/495>. Acesso em: 23 jul. 2017.

longo de todo o documento, como ilustrações. Não localizamos, entretanto, indicações onde a questão da produção dessas narrativas tenha sido abordada. Há referência à transmissão de saberes no tópico 3.2 *Plano de Salvaguarda* que lista “alguns itens que indicam recomendações para a construção de um plano de salvaguarda”, a saber:

Valorização da Festa do Divino no calendário cultural da cidade; incentivo ao turismo religioso e melhoria das condições de produção, reprodução e circulação do bem cultural; Sensibilização do poder local para a importância da Festa do Divino como um evento sociocultural da cidade, e não apenas de cunho religioso; Valorização das formas de expressão associadas à Festa do Divino, e de seus mestres e executantes; Promoção e divulgação do bem cultural. (IPHAN, 2010, p.107-108)

24

No tópico da “valorização das formas de expressão associadas à Festa do Divino, e de seus mestres executantes”, os saberes envolvidos são referidos de forma genérica, mas parece haver um interesse maior dos avaliadores pelas habilidades na execução de instrumentos, danças e confecção e manipulação dos bonecos folclóricos.

No tocante à Folia do Divino, é urgente investir em projetos comunitários de transmissão de saberes e de formação de novos foliões e mestres da Folia. Afinal, “nem todo lugar toca esse nosso dobrado. O que também se estende para a organização dos detentores de saberes e habilidades específicas relacionados às danças e aos bonecos folclóricos. No ano da realização do Inventário de Referências Culturais – 2009, foi a primeira vez, em muitos anos, que as danças tradicionais dos velhos e das fitas deixaram de acontecer durante a Festa do Divino, em razão da falta de apoio e investimento público. (IPHAN, 2010, p.108)

Chegamos, então, ao ponto em que, tendo nos familiarizado com as orientações que configuram os Inventários, e com o resultado produzido a partir da sua aplicação, é possível arriscar respostas às questões apresentadas no início desta seção.

Pudemos observar que oralidade e narrativa no seio das manifestações têm sido abordadas nos procedimentos de Inventário e Patrimonialização apenas como mecanismos de acesso às informações que permitirão descrever a manifestação. Parte do que se produz no âmbito das narrativas poéticas é capturado através de registros escritos e audiovisuais, e integra a documentação que compõe o dossiê para fins de Registro. Tudo indica que as condições de emergência, produção e atualização das narrativas que configuram tais manifestações não estão sendo interpretadas, e conseqüentemente valorizadas, como elementos estruturantes e de sustentação do bem patrimonial. Logo, não estariam sendo pensadas ações de salvaguarda específicas.

Através dos exemplos e esclarecimentos que procuramos fornecer sobre a *Folia de Reis*, acreditamos que as presenças da oralidade e da narrativa devam, sim, ser pensadas como “aspectos básicos dos processos de configuração” da manifestação e logo, demandariam atenção na elaboração de ações para sua salvaguarda.

Ao denunciar a pobreza de experiências, demarcada, principalmente, pela mudez dos combatentes que retornaram da Grande Guerra em relação às “mais terríveis experiências da história”, Benjamin conclui pela emergência de uma “nova barbárie”. Seria um ponto em que, supunha, não se poderia ir mais longe. A experiência da guerra é certamente incomparável na sua dimensão desmoralizante da humanidade. Devemos lembrar, entretanto, que Benjamin não considera a guerra como único tipo de experiência traumática capaz de conduzir ao estado

de “pobreza de experiência” e, por conseguinte, do estado de “barbárie”. Também o fazem a “experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes” (BENJAMIN, 1994a[1933], p.115). Quando nos informamos sobre as condições precárias em que vivem as camadas mais pobres da população⁸, não há como não pensá-las como sobrevivência de estado de barbárie. E é justamente nesse segmento populacional que “dorme” a diversidade cultural. Muitos grupos detentores de saberes tradicionais despertaram desse “sono” a partir de ações institucionais⁹ que lhes deram visibilidade e promoveram políticas de valorização mas, considerando a vasta extensão territorial brasileira e as condições precárias da maior parte da população¹⁰, podemos estimar que muitos continuam invisíveis.

Durante a pesquisa de campo em Valença e adjacências, visitamos a moradia de alguns *foliões*. Casas simples, em bairros modestos, periféricos. Não vimos miséria, mas obtivemos informações sobre comércio de drogas ilícitas arregimentando jovens, inclusive os de família de envolvimento tradicional com a *Folia*. Já a leitura de uma Tese de Doutorado sobre o *Terno de Reis* (da mesma “família” da *Folia de Reis*) na cidade de Januária (MG) revelou uma realidade que sabemos não ser incomum no território brasileiro. Naquela cidade foi identificada a existência de um grupo: o *Terno de Reis dos Temerosos*. Os membros do grupo, que residem num bairro caiçara, subsistem em condições bastante precárias. As lideranças do grupo têm aceitado fazer apresentações fora do tempo da celebração, e até mesmo sem

8 - Somente em 2014 o Brasil deixou de figurar no Mapa da Fome, elaborado pela ONU. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/wires/ap/article-2758403/Brazil-removed-UN-World-Hunger-Map.html>. Acesso em: 24 jul. 2017.

9 - Alguns exemplos: (i) Programa Cultura Viva, que foi criado em 2005, instalou milhares de Pontos de Cultura por todo o país, privilegiando as culturas populares, e foi convertido em Lei em 2014; (ii) O Sistema Nacional de Cultura (SNC), instituído em 2005, foi incorporado a Constituição Federal em 2012.

10 - O Brasil ocupa 79ª colocação no ranking do IDH (Índice de Desenvolvimento Econômico), num universo de 188 países, e é 10º país mais desigual do mundo na distribuição de renda. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/21/politica/1490112229_963711.html. Acesso em: 24 jul. 2017.

receber remuneração, apenas transporte e alimentação, porque têm esperança de conquistar atenção externa para as péssimas condições em que vivem.

Eu digo que a gente tá perdendo isso [laço de família forte] principalmente para as drogas, que tá entrando muito forte na comunidade, tá desfazendo os laços culturais, a solidariedade, [...]. A esteira na porta da casa, o papear com a cumadi do outro lado. Hoje isso não tá tendo condições de ser feito, porque hoje a droga tá muito forte aqui, e os pequenos de 6, 7, 8, 9 anos estão sendo transformados em *mulas* e *aviões*. Então a comunidade tá acabando ficando refém da força do tráfico e da bandidagem. (depoimento de João Damasceno sobre a comunidade da *Rua de Baixo* em FONSECA, 2009, p.262)

27

Vimos nas considerações e exemplos apresentados sobre a *Folia de Reis* que a oralidade e as narrativas se constroem e se fortalecem no cotidiano dos detentores, nos encontros entre membros e entre grupos, nos seus horários e dias de lazer. A memória coletiva desses grupos, calcada em reminiscências¹¹ de gerações que se sucedem desde tempos imemoriais¹², se atualiza e se reconstrói a partir de dados ou de noções comuns que se encontram no espírito de cada membro, o que só é possível se fizerem ou continuarem a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 1990[1925], p.34). Associada à memória temos a construção da identidade. Pollak aponta que a primeira é um elemento constituinte da segunda. Considera que há três elementos essenciais na construção da identidade: (i) a unidade física, caracterizada pelo sentimento de pertencimento ao

11 - Paolo Rossi, suportado pelo pensamento de Aristóteles, aponta que a reminiscência, que sucede cronologicamente a memória, é a "passagem ao ato de lembrança em potencial" (ROSSI, 2010, p.15-16).

12 - Sob a ótica dos detentores que, frequentemente, se referem aos saberes envolvidos na prática da manifestação como algo que aprenderam com o pai, que sua vez aprendeu com o avô, e por aí adiante.

grupo, (ii) a continuidade dentro do tempo, no sentido também moral e psicológico, e (iii) o sentimento de coerência, ou seja de que diferentes elementos constituem um todo unificado. Avalia, então, que sua importância é tal que “se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos”, seja no âmbito individual como no coletivo (POLLAK, 1992, p.204). O depoimento de João Damasceno indica que o sentimento de unidade e continuidade do grupo e, conseqüentemente, de sua identidade, encontram-se perigosamente ameaçados. Podemos sentir o desespero do entrevistado através de suas palavras... As péssimas condições de vida que enfrentam estão promovendo indesejáveis rupturas e o grupo e suas tradições perigam um desmantelamento, além de ameaçarem a própria vida de seus membros. A situação enfrentada pela comunidade de Damasceno certamente não é exceção, posto que são conhecidas as péssimas condições de vida que enfrentam grande parte da população brasileira e, por conseguinte, grande parte dos grupos detentores de saberes tradicionais.

Voltando a oralidade e às narrativas na prática da *Folia de Reis*, podemos concluir que essas continuarão a ser produzidas, transmitidas e atualizadas enquanto os encontros entre membros dos grupos e entre grupos continuarem a acontecer. Para tanto é preciso que disponham de tempo, de saúde e, claro, da fé nos *Santos Reis*. Há que dispor de um mínimo de qualidade de vida. É preciso que consigam o seu sustento e da família, mínimas condições de moradia, e recursos e tempo para o lazer. Defendemos que a sobrevivências das culturas populares, e conseqüentemente da produção e atualização das narrativas que as configuram, é diretamente dependente das condições de vida de seus detentores, e cremos que o depoimento de Damasceno evidencia isso. Não são problemas que ocorrem de forma pontual ou localizada, mas

têm abrangência nacional. Logo, é fundamental a interferência do Estado através de Políticas Públicas amplas, e não apenas no âmbito da Cultura, de forma a garantir os Direitos Sociais previstos no Art.6º da Carta Magna: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988, p.18). Porque enquanto comunidades detentoras de saberes tradicionais puderem conduzir sua vida com alguma garantia de alimentação, saúde e moradia, com a possibilidade de continuar a habitar os locais onde nasceram, cresceram, e tenham a chance de vivenciar toda a riqueza da experiência em comunidade, haverá narrativas, e a “arte de narrar” sobreviverá. Isso porque haverá o que contar, pois, como ensinou Benjamin, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1994b[1936], p.198).

Considerações finais

Construir um Plano de Salvaguarda do patrimônio imaterial é uma das etapas do processo de patrimonialização conduzido pelo IPHAN e, como já mencionamos, fundamenta-se no conhecimento que se obtém durante os processos de Inventário e Registro. As *Folias de Reis* Fluminenses se encontram, atualmente, em processo de avaliação por aquele Instituto, para a possível obtenção do título de Patrimônio Cultural do Brasil.

A complexidade do imaterial transforma o processo de patrimonialização em desafio para os profissionais envolvidos, e tem sido objeto de ampla reflexão e debate, tanto no âmbito das Instituições do Estado, como no meio acadêmico. Tais reflexões visam a contribuir no aprimoramento dos métodos, das

ferramentas e instrumentos que norteiam e viabilizam a aquisição de conhecimentos e a construção do Plano de Salvaguarda.

Contribuir com esse aprimoramento foi a motivação principal para este artigo, com a proposta de refletir sobre o *status* da oralidade e narrativas na configuração das culturas populares, sob a perspectiva dos processos de patrimonialização. As análises de dados empíricos, em diálogo com textos normativos e derivados de processo de patrimonialização, indicam que as narrativas no contexto das culturas populares, pelos menos no segmento das *Celebrações*, têm sido assimiladas apenas como mecanismo de obtenção de informações para o inventário. Algumas das narrativas poéticas presentes nessas manifestações são incorporadas nos registros escritos e audiovisuais, mas não identificamos indícios de que elas estejam sendo percebidas como um dos elementos estruturadores da manifestação, e de fortalecimento das relações sociais internas e externas do grupo. Supondo pertinente nossa constatação, as narrativas não estariam, então, sendo analisadas pelas equipes inventariantes em toda a sua importância. Tratando as narrativas poéticas apenas como parte dos saberes acumulados, estes estariam contemplados nas ações de salvaguarda que se voltam à transmissão de saberes. Essa categoria de ações está presente, se não em todos, em quase todos os Planos de Salvaguarda dos bens imateriais Registrados. Procuramos mostrar, a partir do exemplo da *Folia de Reis*, que o impacto das narrativas na configuração das práticas culturais, é bem mais amplo, não se constituindo apenas de um conjunto de saberes a serem transmitidos: há uma “arte de narrar” envolvida, que tem demandas específicas para se perpetuar. Benjamin apontou a relevância da arte de narrar e das narrativas para a experiência humana, e denunciou, em tom apocalíptico, o seu declínio:

a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1994b[1936], p.197-198)

As comunidades detentoras de saberes tradicionais sobrevivem, em grande parte, em condições precárias, bem próximas do estado de “barbárie” definido por Benjamin. Sua pobreza material se desdobra em pobreza de experiências no sentido benjaminiano, que por sua vez ameaça a potência narrativa desses grupos. Tendo o Estado assumido o compromisso (Art. 216) de “promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro” (BRASIL, 1988, p.124), e concordando com Benjamin sobre a relevância das narrativas e da arte de narrar para experiência humana, processos de Inventário e respectivo Plano de Salvaguarda, arriscam ficar incompletos ao não atribuir a esses elementos o real *status* que têm na configuração do bem patrimonial imaterial.

Refletindo sobre os textos de Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin, afirma que esses trariam mais do que uma visão nostálgica sobre “comunidades de outrora nas quais memória, palavras e práticas sociais eram compartilhadas por todos”. Sua percepção é que há em Benjamin uma “visada teórica” que ultrapassaria o tom melancólico que emprega. Essa “visada” dirige-se, então,

aos processos sociais, culturais e artísticos de fragmentação crescente e de secularização triunfante, não para tentar tirar dali uma tendência irreversível, mas, sim possíveis instrumentos que uma política verdadeiramente “materialista” deveria reconhecer

e aproveitar em favor da maioria dos excluídos da cultura, em vez de deixar a classe dominante se apoderar deles e deles fazer novos meios de dominação. (GAGNEBIN, 2009, p.56)

Uma das passagens dos textos de Benjamin na qual podemos reconhecer o fundamento da interpretação otimista de Gagnebin é aquela em que Benjamin propõe um “conceito novo e positivo de barbárie”. A guerra teria levado a humanidade a um limite máximo de “pobreza de experiências”, por isso, o único caminho seria o de “partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (BENJAMIN, 1994a[1933], p.115-116). O estado de “barbárie” no qual sobrevivem os grupamentos humanos detentores de saberes tradicionais no Brasil, ainda não atingiu uma condição tal que a única possibilidade seria operar “a partir de uma tabula rasa”, como sugeriu Benjamin. Os trabalhos de Mapeamentos, Inventários e Registros já realizados desde a instituição do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) através do Decreto 3.551/2000, revelam que há traços, vestígios, reminiscências, sobre os quais o Estado pode trabalhar, e tem trabalhado, para cumprir a proposta (Art. 215) de “proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (BRASIL, 1988, p.124). Mas se considerar as narrativas apenas como elementos a serem documentados e/ou como fontes de obtenção de informações, e não como vestígios da existência de um processo criativo relevante – a “arte de narrar” –, estruturante das culturas populares, que depende de condições específicas para se perpetuar, podemos duvidar que a meta de “proteger as manifestações” possa ser plenamente atingida.

Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994a. p.114-119 [1933].

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: São Paulo: Brasiliense, 1994b. p.197-221 [1936].

BRASIL. Constituição (1988). **Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados**, Brasília, ed.35, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Marluce/Downloads/constituicao_federal_35ed.pdf. Acesso em: 26 jul. 2017.

CONTURSI, María Eugenia; FERRO, Fabiola. **La narration: usos y teorías**. Bogotá: Norma, 2000.

FONSECA, Edilberto José de Macedo. **Temerosos Reis dos Cacetes: uma etnografia dos circuitos musicais e das políticas culturais em Januária - MG**. 2009. Tese (Doutorado em Música). UNIRIO, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em https://www.dropbox.com/s/absu0011ifxw7q4/Fonseca_Edilberto%20J%20M_Tese-Temerosos%20Reis%20dos%20Cacetes.pdf?dl=0. Acesso em: 8 fev. 2016.

FRADE, Cásia. **O saber do viver: redes sociais e transmissão do conhecimento**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas, no curso de Educação). Rio de Janeiro: PUC, Nov 1997.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. P.59-79.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008[1926].

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990 [1925].

IPHAN. **Festa do Divino Espírito Santo de Paraty/RJ**: Dossiê de Registro. Brasília: IPHAN, 2010. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_festa_divino_Paraty.pdf. Acesso em: 23 jul. 2017.

IPHAN.. **Educação Patrimonial: Manual de aplicação**: Programa Mais Educação. Brasília: IPHAN, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducPatrimonialProgramaMaisEducao_m.pdf. Acesso em: 23 jul. 2017.

IPHAN.. **Educação patrimonial**: inventários participativos. Brasília: IPHAN, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_15x21web.pdf. Acesso em: 23 jul. 2017.

MAGNO, Marluce. **Culturas populares, Políticas Públicas e Patrimonialização**: (Des)encontros na Folia de Reis de Valença, Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Memória Social). UNIRIO, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss400.pdf>. Acesso em: 2 out.2017.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. v. 5, n. 10, 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer. In: ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**. São Paulo: UNESP, 2010.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p.49-58.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, setembro, 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/faenfi/ojs/index.php/fale/article/viewFile/621/452>. Acesso em: 10 jul. 2017.